



Mulheres em narrativas do dia

Coletânea "Mulheres em narrativas do dia"

Este livro é resultado do estudo de gêneros narrativos durante a disciplina de Língua Portuguesa, na escola municipal Maria Pessoa Cavalcanti, em Cabedelo-PB. Os alunos escritores são dos três 8º anos da escola.

Os textos selecionados para esta coletânea se destacaram devido ao seu valor estético na escrita e à sua importância temática. As narrativas tratam do cotidiano desafiador de mulheres, de doenças que acometem aquelas mais atarefadas, de violência, de autoaceitação, de preconceito, de discriminação, de racismo e de alguns problemas e algumas dificuldades que surgem na vida das mulheres.

Todos envolvidos na construção deste livro desejam uma ótima leitura.

8ºA, 8ºB, 8ºC e professor Lucas Rodrigues

A baterista

Thauanny Silva

Uma garota chamada Alice, de cabelos claros e cacheados, tinha um grande sonho de ser baterista. Vivia uma correria no dia a dia, pois não tinha mãe e tinha que se virar sozinha cuidando da casa e dos seus irmãos, deixando-os na escola e, depois, ir direto para sua aula de bateria.

Quando ela chega na escola de música, já vai direto para a sua sala. Junto com ela, tem um garoto chamado Neto, que era o melhor da classe e que, quando a via, começava a ofendê-la dizendo:

– Você é só uma mulher! Não pode tocar uma bateria.

No final da aula, um professor passou um exercício muito difícil. Essa foi uma ótima oportunidade para mostrar o que ela sabia fazer. Como era esperado, ele já foi perturbar Alice:

– Claro que essa mulherzinha não vai conseguir!

Ela respondeu, com irritação surpreendente na fala:

– Vamos ver!

Ela não só fez o exercício, como fez o garoto atrevido ficar tão chocado que, quando foi fazer, acabou errando. Quando neto terminou, ele procurou Alice e pediu desculpa. Ela educadamente aceitou e falou:

– Nunca mais julgue ninguém por ser mulher! Eu não sou inferior a você por causa disso.

Por trás dos cachos

Susany Fernandes

Emma era uma garota nordestina que morava no litoral sul da Paraíba. Em um dia, ela pegou o ônibus, foi para a escola e teve suas aulas. Ela amava seu cabelo cuidadosamente cacheado e adorava receber elogios por isso.

Deu meio-dia e a menina já havia voltado da escola, mas algo a incomodava. Ela precisava desabafar com alguém. E essa pessoa era sua mãe.

– Mãe, hoje falaram do meu cabelo.

– Ah, filha... coisas assim acontecem. Infelizmente é comum.

– Eu não sei lidar com isso. O que faço?

– Me espere. Eu resolvo, querida!

Foi cansativo, mas a mãe de Emma conseguiu pessoas que também sofreram esse tipo de abuso, e foram para as ruas protestar.

Coincidentemente, as pessoas passaram na frente do apartamento da garota que praticou bullying.

Emma recebeu a notícia de que essa menina havia sido transferida para uma escola em outra cidade.

A mãe dela foi informada por meio da diretora. E o protesto foi visto por ela. Emma se atreve a dizer que esse foi o melhor e mais confuso dia de sua vida.

A entrevista

Samuel Rodrigues

Já fazia algum tempo que eu estava trabalhando para a empresa da senhora Sousa, uma mulher bem conhecida na região, pois sua empresa era bem sucedida. Hoje, entrou José na sala. Ele estava com um casaco, já que a sala estava bem fria.

José era meu primo, que eu conhecia desde quando nós éramos pequenos. Eu tinha quase certeza de que ele só estava lá por necessidade, pois a empresa fazia tecidos, algo que ele não aparentava gostar.

Quando comecei a fazer as perguntas, a porta foi lentamente aberta.

– Com licença, eu vim pegar mais grampos, os outros acabaram. – disse a mulher que entrou.

A pessoa era a Sra. Sousa. Aproveitei a situação e ia falar que ela era a dona, mas ela estava com pressa.

Então, quando ela saiu da sala eu disse:

– Aquela mulher é a dona, a Sra. Sousa.

– O quê? Ela? Mas como? – disse ele com muita surpresa.

Então ele começou a me perguntar de novo, cismado com aquilo, como se uma criança estivesse controlando a empresa. Mas então respondi:

– Simples. Ela se esforçou bastante. Ela começou com um negócio pequeno, mas já pensava grande. E ainda hoje pensa, querendo aumentar mais a empresa e ser uma empresária ainda maior. Menos da metade das empresas brasileiras são controladas por mulheres e a senhora Sousa sempre nos incentiva a ajudar a mudar essa realidade, nos aconselhando a ser empreendedoras.

Ele ficou calado por alguns segundos e disse:

– Então... eu acho melhor procurar outro emprego, há uma lanchonete na esquina recebendo currículos. – disse ele, levantando-se.

O homem foi embora. Falei aquilo porque sabia, por conviver muito com ele, que era extremamente machista. Até demais para trabalhar lá.

Quebrando barreiras

Ana Sophia Alves

Numa manhã de segunda-feira, mais especificamente às 8h, num espaço moderno e cheio de plantas, Nathalia estava sentada em uma cadeira junto a outras cinco pessoas, esperando ser chamada para a entrevista de emprego na área de engenharia. Ela parecia um pouco nervosa como se fosse sua primeira vez. Não muito tempo depois, foi chamada.

Chegando na sala, sentou-se em frente a um entrevistador de aparentemente 30 anos. Ele usava óculos e tinha uma pequena barba. Logo começou a falar e fez uma expressão de surpresa quando viu que era uma mulher, mas continuou e perguntou o motivo pelo qual ela quis esse tipo de emprego. A jovem mulher calmamente respondeu que era algo que ela sempre admirou e sonhou.

A entrevista foi ocorrendo normalmente, até ele perguntar do porquê ela não se interessar ou procurar trabalhar em um "emprego mais feminino".

A jovem estranhou e ficou com uma expressão levemente irritada. Mas os comentários não pararam, chegando ao ponto de ela ficar bastante incomodada e sair do pequeno cômodo branco.

Antes que ela conseguisse sair da empresa, foi chamada por uma mulher, que se apresentou como a chefe do local, e pediu para conversar. Ela a seguiu, parando e entrando em uma sala maior, bem iluminada. Sentaram-se e começaram a conversar.

A mulher se desculpou pelo seu funcionário, alegando que ele era novato. Falou também que o currículo de Nathalia estava ótimo para o emprego. Elas continuaram a conversar. A moça fala que, para ela conseguir o emprego como chefe, foi quase impossível por ela simplesmente ser mulher, talvez por não acreditarem em seu potencial. Porém, agora, ficam admirados por ela ser tão competente.

A conversa seguiu com a chefe dizendo que as mulheres são muito subestimadas pela sociedade, mas têm inteligência o suficiente para ocupar diversos tipos de empregos, como na segurança, na educação e na saúde, por exemplo, e que não deviam desistir.

Depois de muita conversa, Nathalia recebe uma ótima oferta da experiente mulher à sua frente, que lhe oferecia uma vaga como assistente. Sem hesitar, a mais nova empregada aceitou, tornando-se, assim, a assistente de uma das maiores empresas de engenharia da cidade.

Um dia qualquer

Adryan Kaike

Após sair do plantão, Mariana (uma mulher de trinta e três anos, alta, cabelos longos e mãe de três filhos) decide chamar um Uber para chegar em casa mais rápido.

Depois de falar sobre como o clima frio, ela se aproximou de uma lanchonete próxima e pediu uma marmitta.

– Olá, bom dia! O que gostaria de pedir?

– Bom dia! Gostaria de uma marmitta por obséquio.

Amanhecia o dia naquele hospital, e Mariana ainda esperava por seu transporte. Ao chegar, ela deu um "bom dia" e seguiu ao seu destino.

Chegando em sua moradia, ela se deparou com uma situação de "terror". O cachorro havia espalhado dejetos pelo quintal. Fingindo ignorar a situação anterior, Mariana adentrou seu lar aconchegante e charmoso e percebeu que Bruce (o cão) também entrou lá.

Ela gritou algo incompreensível e se encaminhou ao quarto, pediu para que seu filho fizesse algumas compras enquanto ela arrumaria a casa.

Antes, Mariana foi tomar uma ducha em seu banheiro bonito e espaçoso. Depois, começou a limpar a casa. Ela limpou o quintal, lavou louças, limpou a sala, varreu a casa, fez o almoço, dobrou roupas e fez outras várias atividades e, mesmo assim, não demonstrou cansaço, reclamação ou fraqueza (mesmo após 24 horas intensas de trabalho).

Depois de seu filho chegar, essa mãe apenas pediu para que ele fizesse silêncio, pois ela iria dormir.

Chegando à noite, ela buscou seus outros dois filhos na casa da vó e, quando voltou para casa, fez o jantar, reuniu todos na mesa, agradeceu a Deus pela família, pelo dia, pela comida. Todos se alimentaram satisfeitos.

A mudança de vida de Ana

Hevillyn Ramos

Em uma cidade movimentada, vivia uma mulher chamada Ana, que passou grande parte da sua vida como mendiga. Ela perambulava pelas ruas, enfrentando os desafios e as dificuldades da vida na rua, sem esperança de um futuro melhor. Ana carregava consigo a dor de ter sido abandonada por seus pais quando era criança, um evento que deixou cicatrizes profundas em sua alma.

Enquanto revirava os lixos da praça em busca de algo para comer em uma manhã quente, Ana de repente ouviu uma voz familiar chamando seu nome. Para sua surpresa, era seu pai, que havia procurado incansavelmente ao longo dos anos. Ele explicou que havia enfrentado dificuldades pessoais e que nunca esqueceu a filha que tinha deixado para trás.

Com o reencontro emocionante, Ana sentiu um monte de emoções, então eles decidiram sair para conversar melhor. Nesse encontro, ele explicou que a mãe dela não queria ter filhos, e não dava para ele criá-la sozinha, então teve que abandoná-la. Ela ficou meio triste, mas entendeu.

O pai de Ana, logo em seguida, perguntou se ela precisava de trabalho, pois ele era dono de uma grande empresa. Então ela aceitou o trabalho e sentiu que ia sair das ruas.

A mulher que ninguém acreditou

João Breno Padilha

Helena Monteiro era uma cientista superdotada cuja paixão era a ciência. Ela estava computando sua nova teoria e pensando que estava há muito tempo no laboratório. Todos estavam se esforçando, mas já se sentia cansada. Já estava quase acabando.

Os pensamentos acabam quando uma nova pessoa chega à sala:

– Bom dia! Helena, parece que você está muito tempo aqui.

– Sim, estou. Obrigada por se importar, João.

– Com certeza, você deve estar cansada! Vamos almoçar?

– Sim, eu vou, falta muito pouco para eu terminar.

– Certo, eu te espero. Enquanto isso...

O almoço deles ocorreu muito bem, mas João planejava algo que Helena não esperava. Após esse almoço, a cientista foi para casa após horas de trabalho.

João voltou ao laboratório depois que o almoço acabou. E foi à sala de Helena pegar algo que ele esqueceu. Quando viu a teoria dela, a qual ele se interessou e a roubou. Após isso, o homem postou a teoria que Helena nem tinha acabado, mas ele a completou e a publicou.

No outro dia, Helena foi ao laboratório, a qual foi recebida aplausos, mas pasmem: não era para ela, era para João! A jovem cientista falou que era dela aquela teoria, mas ninguém acreditou, porque a ninguém ela havia contado.

Rapidamente, foi ao seu laboratório e organizou todos os dados da pesquisa. No mesmo dia, publicou um artigo que explicava detalhadamente a sua teoria. Logo, colocou João, que já tinha aparecido no jornal, como mentiroso.

A idosa

Deisyane Cavalcanti

Uma idosa de 70 anos estava indo de ônibus para uma caixa eletrônico sacar o dinheiro da sua aposentadoria. Chegando lá, com o relógio já apontando meio-dia, o caixa eletrônico tinha muita gente por ser um dia de receber dinheiro da aposentadorias, salários, empréstimos e mesadas. No ambiente, havia ares-condicionados e cadeiras para se sentar.

Quando a senhora entrou, ela viu que tinha muita gente. Então decidiu se sentar e esperar até que a fila diminuísse. Foi quando ela viu que as cadeiras estavam ocupadas, mas tinham algumas que não estavam por causa do ar-condicionado. Ninguém queria sentar, porque estava muito frio, mas a senhora, por conta da idade e por causa do calor, decidiu se sentar assim mesmo.

Chegou um funcionário, aumentou a temperatura e ficou bem agradável sentar naqueles lugares. Não demorou muito tempo e logo as pessoas começaram a sentar nas cadeiras antes frias.

A idosa já estava impaciente, porque estava demorando muito. Até teve gente que desistiu.

A senhora se levantou da cadeira e foi ver o que estava acontecendo, mas o problema é que tinha muita gente e não tinha fila preferencial. Ela decidiu que não mais esperar. Tinha uma mulher que seria a terceira pessoa para sacar o dinheiro. A senhora perguntou se ela podia passar na frente, mas a jovem falou um simples: “não!”.

A idosa não gosta de ficar discutindo com as pessoas, mas ela precisou fazer isso. Então ela disse: “mas a lei deixa claro que os idosos têm prioridades de passar no atendimento”. A mulher respondeu: “não quero saber. Eu não tenho culpa de você ser uma velha”.

A senhora chamou a segurança e a mulher teve que deixar a senhora passar, porque afinal ela tava descumprindo a lei. Isso é crime. A senhora tirou o dinheiro e saiu do caixa eletrônico para pegar o ônibus de volta para casa.

Ela ficou feliz, porque aprendeu algo importante: se for discutir, tem que ser um tema importante, como foi no caixa eletrônico. Mesmo que ela não goste desse tipo de situação, ela tomou coragem e discutiu com a mulher pelas seus direitos legais. Esse fato fez a idosa se sentir como se fosse uma daquelas mulheres de antigamente que lutavam pelos seus direitos.

A vida de Maria

Luiza Vitória, Kauã Lima e Maria Júlia Simplício

Maria é uma mulher morena de cabelo liso e baixa. Ela é mãe solo de 4 filhos. O seu dia começa ao acordar às 4h30 da manhã, fazer café para os filhos e os arrumar para a escola. Depois leva-os para escola e vai trabalhar na casa de uma família. A vida dela era sempre uma correria, tendo pouco tempo para pensar em si.

Até que, em outro dia de madrugada, ela acorda estressada e com insônia. Ela acaba se desesperando, pois tem muitas coisas a fazer. Ela começa a pensar demais em seus afazeres e em como era sua vida antes do marido falecer.

Logo depois, ela começou a chorar e se desesperar mais ainda. Acabou acordando os seus filhos, que foram no quarto onde ela estava e a viram naquela situação. Eles foram acalmá-la, indo na cozinha pegar uma água com açúcar e logo voltaram para o quarto. Mandaram-na respirar fundo e devagar para que ela conseguisse se acalmar.

A mulher se sentiu culpada por seus filhos a verem naquela situação, mas agradeceu por ter filhos tão cuidadosos e preocupados.

Após a sua crise e de seus filhos lhe acalmarem, deu a hora de ela arrumá-los para a escola. Ela se arrumou para o trabalho. Em seguida, foi deixar os filhos na escola e foi direto para o trabalho, que era a poucos metros da escola dos seus filhos.

Três mulheres

Desirée Vieira

Em uma casa de campo, havia duas mulheres. A dona da casa se chamava Beatriz Bernardes D. Malonne, mas, para os mais íntimos, Malonne. A outra mulher se chamava Naarah Fernande, mas todos a chamavam apenas de Naarah.

Malonne e Naarah estavam bebendo chá enquanto apreciavam das melhores obras de Beethoven e Mozart no rádio. Até que o telefone tocou e Malonne se levantou da cadeira para atendê-lo:

– Beatriz Bernardes falando!

Após dizer isso, Malonne ouviu a voz do que parecia ser de uma mulher que passara uma hora em prantos e disse:

– Senhora Bernardes? Poderia passar para Naarah, por favor?

Malonne percebeu que era a mãe de Naarah, e fez o que a senhora havia pedido. Naarah, após a ligação, estava em completo choque, suas mãos, que seguravam a xícara de chá tão delicadamente até pouco tempo, estavam trêmulas agora.

– Naarah, recomponha-se! O que aconteceu?

Naarah, por conta do choque, tinha dificuldade para formular uma frase, mas conseguiu dizer algumas palavras: "Sarah... delegacia... apuros...".

Malonne e Naarah foram até a delegacia, e presenciaram Sarah, irmã de Naarah, com arranhões nas bochechas, uma enorme mancha roxa existe em seu olho coberto de lágrimas. Seu nariz estava coberto de sangue, seu rosto estava arruinado! Naarah chorou ao ver sua irmã naquela situação. O noivo de Sarah entrava na viatura, e Malonne gritava para aquele homem, nenhuma dessas jovens se esqueceriam daquele dia.

Horas se passaram depois do ocorrido. Sarah tinha ido para o hospital, e voltou para casa com o rosto coberto de ataduras. Os ferimentos em seu rosto eram graves e em grande quantidade. Sarah era conhecida por ser muito atraente, uma mulher linda, formosa e com um rosto doce. Malonne e Naarah fizeram de tudo para recuperar o ânimo de Sarah, levando-a na praça, dando todos os tipos de guloseimas e mimos, mas nada parecia alegrar o tão ferido coração de Sarah.

No dia seguinte, o coração de Sarah apertava demais, uma dor insuportável a tomou por inteiro. A jovem ligou para Naarah e para Malonne, dizendo que iria para outra cidade, pois não iria aguentar ver todos os seus colegas de trabalho, pessoas desconhecidas ou até sua própria família a olhando com nojo por sua aparência.

– Minhas queridas... o que será de minha vida a partir de agora? Meu rosto está arruinado! Cheio de feridas horríveis, nenhum homem iria querer ficar com uma aberração como eu!

Sarah já tinha preparado suas malas, mas Naarah e Malonne chegaram a tempo para impedi-la. Depois de muito tempo acalmando Sarah, todas se abraçaram. Todas choravam, porém o choro de Sarah era diferente; era um choro de alívio, pois seu coração não doía mais naquele momento. Naarah pôe um sorriso no rosto. Soube que ainda conseguiria ser forte e valente, pois teria o apoio de mulheres com tais adjetivos como aquelas que a abraçavam.

Uma mulher pós-parto

Izabella Braga e Vinícius Brito

Em um quarto, havia uma mulher, que tinha sido mãe há poucas semanas. Ela tinha colocado seu bebê para dormir. Estava cansada e exausta de tudo que estava vivendo, pois ela era mãe de primeira viagem. Parecia que tinha trabalhado os sete dias das semanas, sem dormir.

Assim que seu bebê dormiu, ela foi para o seu quarto. Com o cansaço, sentou-se na sua cama para dormir, mas seu corpo a chamou muito sua atenção. O que refletia no espelho era alguém com quem ela não se reconhecia. Em seguida veio uma mistura de sentimentos nela, pois o corpo dela nunca foi assim. Ela se sentiu insegura com seu próprio corpo.

Ela se deitou e começou a chorar muito. Para ela e para a sociedade, aquele corpo não era "perfeito". Ela só sabia chorar muito e ficava pensando como poderia mudar isso, mas naquele momento não havia solução.

Em seguida, pegou seu celular para poder se distrair e viu várias mulheres com o mesmo corpo dela. Leu vários relatos sobre mulheres com o corpo pós-parto. Viu que várias passaram por várias situações semelhantes.

Ela ficou um pouco conformada com esse acontecimento. Lembrou do querido filho que dormia no berço. Era para a existência dele que ela se transformou não só mentalmente, mas fisicamente. Decidiu ser mais carinhosa com ela mesma e a começar a se amar pelo que se tornou.